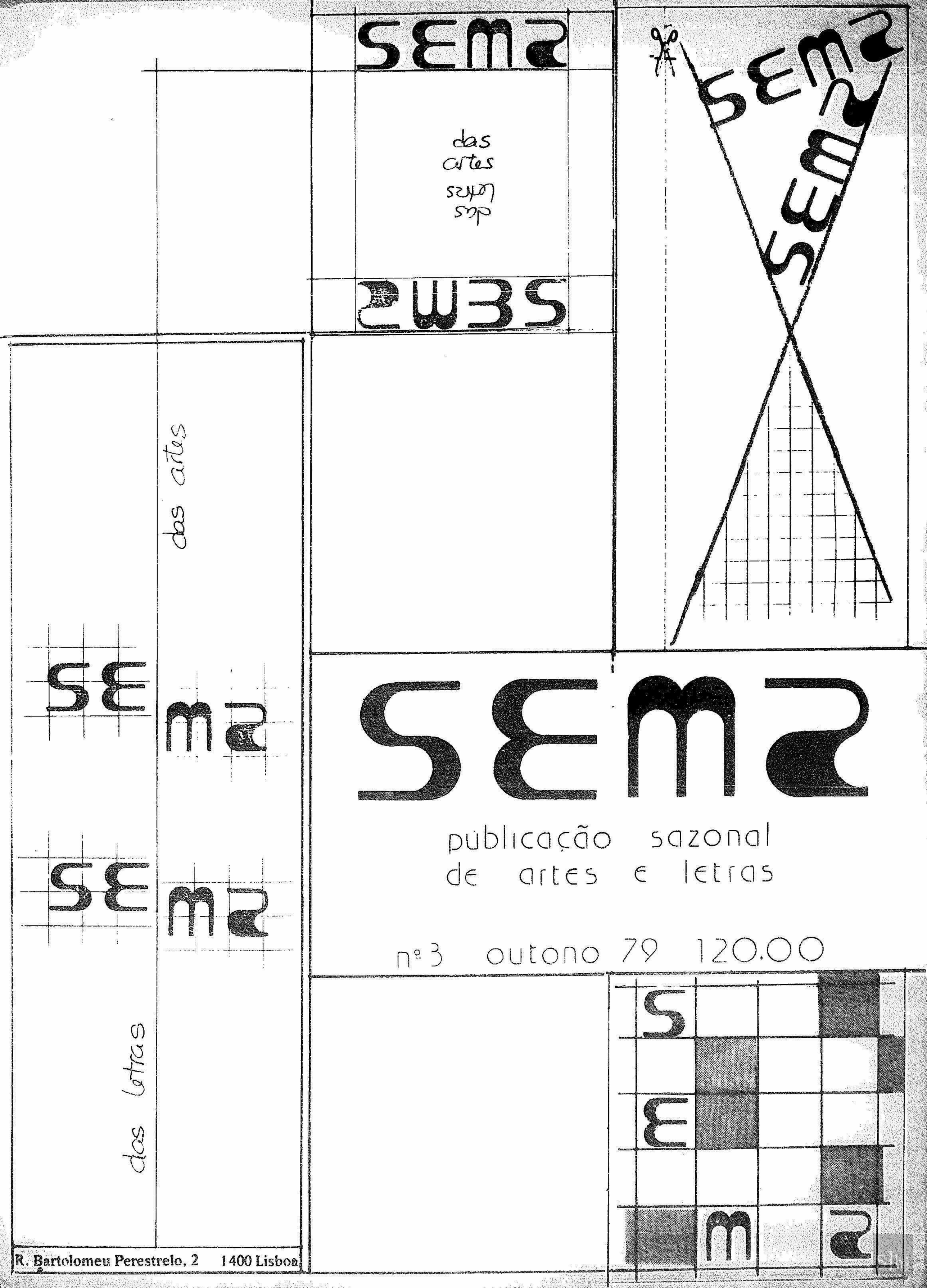
SEMA

publicação sazonal
de artes e letras

nº 3 outono 79 120.00



R. Bartolomeu Perestrelo, 2 1400 Lisboa

NOTA
SOBRE A CONTEMPORÂNEA

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

A *Contemporanea* nasceu em 1915, durante a ditadura de Pimenta de Castro que declarou apoiar, num numero-especime que teve sucesso mas não pode ir avante. Lançamento abortado então, a data não é, porem, indiferente, por se relacionar com o primeiro numero do *Orpheu*, ao mesmo tempo (Abril) vindo a lume, num fervilhar intelectual que se aproximava simbolista e "sensassionalistamente" do futurismo. Pretendeu lançar a revista José Pacheko, homem de vários instrumentos artisticos, que estivera em Paris, expusera com "modernistas" e "humoristas" de Lisboa e Porto, e se dizia "arquitecto pela graça de Deus", depois de estudos vagos com Norte Jor.

No verão desse mesmo ano de 1915, Pacheko (que assim assinava) participou na organização dum congresso de "Novos", no ano seguinte dirigiu artisticamente o semanario *A Ideia Nacional*, monarquico e ultra-direitista, obra do Homem Cristo Filho, falhou a organização dum salão moderno, em nome da publicação, e abriu uma "Galeria das Artes" que logo foi considerado "Salão dos Futuristas" — com os quais assinaria, em fins de 17, o manifesto de apoio aos bailados russos que vinham então a Lisboa. Nessa vida cheia de iniciativas, algo boemiamente ingénua, um lugar importante coube à *Contemporanea* que, enfim, pôde fazer sair em 1922, publicando-lhe treze numeros e deixando no prelo um décimo-quarto — que aqui se revela.

"Revista feita expressamente para gente civilizada" e tambem para "civilizar gente", a *Contemporanea* aparecia num país "nem contemporaneo nem europeu" (como escrevia, em apresentação, Afonso de Bragança) — no momento mesmo em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral tinham feito a viagem do Brasil, acto histórico não de "delírio" mas já de "reflexão" que garantia uma atitude moderna e merecia que o primeiro numero da revista lhe fosse inteiramente dedicado, com os seus nomes lembrados nas margens de cada página. A "Histoire du Portugal par coeur", que Almada Negreiros escrevera e ilustrara em Paris (donde regressara em 20, após breve estada), afiançava essa posição nacionalista, marcando bem a tónica de "alegria e força" que estava tambem na apresentação da revista, empenhada numa "Beleza que mudara" — tudo em eco dum futurismo que em 18 entrara em liquidação nacional.

Fernando Pessoa não se enganou então, ao comentar que só "uma ou outra coisa lembrava o passado", deixando reticências para "o resto, o conjunto" ...Mas Pacheko levou o seu entusiasmo a bons resultados, apoiando-se num industrial conserveiro e coleccionador de arte oitocentista e já moderna, Agostinho Fernandes, que pagava as despezas nunca saldadas.

A

1

Agora é que está completa. A canção esqueceram-se de compor o verso do que vem no original. Recomendo o mais cuidado ainda e envio um franco abraço ao José Pacheco Antônio

CANÇÃO

Não. Beijemo-nos apenas
Nesta agonia da tarde.

Guarda
Para um momento melhor
Teu frágil corpinho loiro.

O meu desejo não arde.
E a convivencia contigo
Modificou-me, sou outro.

A névoa da noite cahe.

Que bem que ficam as ro/// /s/a/s
Nos teus cabelos doirados/ /!

A morte,
Devia ser
Uma vaga phantasia/ /.

Dá-me o teu braço, não ponhas
Esse desmaio na voz...

Sim, beijemo-nos apenas.

Que mais precisamos nós?

ANTÓNIO BOTTO

F.

Vaticinio

AUTONO 926.

Versaes

6

ao centro

20 grande (italico tambem

8

Has de beber as lagrimas sombrias
que nesta hora eu bebo soluçando!,
e o veneno das minhas ironias
ha de rasgar-te os timpanos cantando!

Has de esgotar a taça de agonias
neste sabor a odio... e, estertorando
has de crispar as tuas mãos vasias
de amor, como eu agora estou crispando!

E has de encontrar-me em teu surprezo olhar
com o mesmo sorriso singular
que a minha bôca em certas horas tem.

E eu hei de ver o teu olhar incerto
vagueando no intérmino deserto
dos teus braços tombados, sem ninguem!

ao centro

JUDITH TEIXEIRA

QUASI

Arrumar a vida, pôr prateleiras na vontade e na acção...
Quero fazer isto agora, como sempre quiz, com o mesmo resultado;
Mas que bom ter o proposito claro, firme só na clareza, de fazer qualquer coisa!

Vou fazer as malas para o Definitivo,
Organizar Alvaro de Campos,
E amanhã ficar na mesma coisa que antes de hontem—um antes de hontem que é sempre...

Sorrio do conhecimento anticipado da coisa-nenhuma que serei...
Sorrio ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir.

Productos românticos, nós todos...
E se dão fossemos productos romanticos, se calhar não seriamos nada.

Assim se faz a literatura...
Coitadinhos Deuses, assim até se faz a vida!

Os outros tambem são romanticos,
Os outros tambem não realizam nada, e são ricos e pobres,
Os outros tambem levam a vida a olhar para as malas a arrumar,
Os outros tambem dormem ao lado dos papeis meio compostos,
Os outros tambem são eu.

Vendedeira da rua cantando o teu prègão como um hymno inconsciente,
Rodinha dentada na relojoaria da economia politica,
Mãe, presente ou futura, de mortos no descascar dos Imperios,
A tua voz chega-me como uma chamada a parte nenhuma, como o silencio da vida...

Ólho dos papeis que estou pensando em afinal não arrumar,
Para a janela por onde não vi a vendedeira que ouvi por ella,
E o meu sorriso, que ainda não acabara, acaba no meu cerebro em metaphysica.

Descri de todos os deuses deante de uma secretaria por arrumar,
Fitei de frente todos os destinos pela distracção de ouvir apregoando-se.
E o meu cansaço é um barco velho que apodrece na praia deserta,
E com esta imagem de qualquer outro poeta fecho a secretaria e o poema.

Como um deus, não arrumei nem a verdade nem a vida.

ALVARO DE CAMPOS

Ao mesmo tempo, Pacheko organizava um II Salão de Outono em 26 (o primeiro, no ano anterior, fora da iniciativa particular de Eduardo Viana) e tinha papel de intermediario na encomenda de quadros para "A Brasileira" do Chiado e para o clube "Bristol", que, graças a ele, ficaram centros unicos de artes modernas em Lisboa. Nessas iniciativas, o editor confundia-se com a edição, e era a *Contemporanea* que ia figurando como protagonista da vida artistica e intelectual dos anos 20, animando-a polemicamente — e mundanamente tambem.

A *Contemporanea* foi, dentro do quadro do seu período de 1922 a 26, um facto cultural de grande importancia embora sem poder criativo ou generativo, como fora o caso do *Orpheu* ou do *Portugal Futurista*. Pacheko nada tinha a propor que não fosse um bom gosto "civilizado", dentro de parametros artisticos e intelectuais que o ecletismo dos sumários tornava difusos e sem que uma definição cultural se pudesse constituir em termos sociais que o mundanismo da atitude minimizava. A isso chamava, por seu lado, Alvaro de Campos "continua(r) subrepticiamente", acrescentando ironicamente que "ainda bem"...

O que se passava na *Contemporanea* tinha, porem,que ver com a falta de estrutura dos próprios anos 20 portugueses que assim digeriam as propostas de antes, tentando como que fazer o ponto duma realidade em que ninguem podia acreditar, culturalmente ou politicamente — em desistencias (Pessoa, Almada ou Afonso Costa) ou mediocridades, dos magazines semanais aos ministérios quotidianos, antes e depois do 28 de Maio.

José Pacheko, na sua linha mais ou menos ideologica, aderiu à ditadura, mas isso não lhe salvou a revista que em 1926 já estava em agonia, diluidas as forças de todos ao longo dos dois anos intensos e de mais três que durara. Em Abril de 1923, porém, o ministro da Instrução, do governo "democrático", João Camoesas, dera oficialmente "publico testemunho de louvor" aos cidadãos director e proprietario da revista para lhes estimular a iniciativa.

Quatro capas de Almada (Nos. 1, 2, 6 e 9), uma de Pacheko (No. 2), outras apenas graficas, reproduções em "hors-texte" de Amadeo, Almada (em maior número), Viana, Soares, Barradas, Possoz, Jardim, Dordio, Bernardo, Alberto Cardoso, Rui Vaz, Diogo, Canto e Franco, e também de António Carneiro, Columbano, D. Carlos, João Vaz, Simão da Veiga e ainda de Vasquez Dias, e muitas vinhetas de Almada e de Soares, cobrem a parte artística da revista, com uma ou outra, rara, crítica de arte, sobre Viana ou Soares. A parte musical mais diminuta ainda, inclui composições de Claudio Carneiro, de Ivo Cruz e de Francisco de Lacerda, mas também um artigo sobre Erik Satie (Ema Santos Fonseca).

A parte literária é a mais importante da revista e vai de Fernando Pessoa ou de Álvaro de Campos ("Lisbon Revisited") a Almada Negreiros (excerptos da "Cena do Odio" e "Histoire du Portugal par coeur"), Sá-Carneiro, Mário Saa e Raul Leal (a conferência "A Derrocada da Tecnica"), ou de António Correia de Oliveira a Afonso Lopes Vieira, Alfredo Pimenta e Americo Durão, de Eugenio de Castro a António Botto e Afonso Duarte, de Beatriz Delgado a Judith Teixeira, ou de António Sardinha, Alberto Monsaraz, João Ameal,Martinho Nobre de Melo e Homem Cristo Filho a Leonardo Coimbra, João de Barros, Veiga Simões e Coelho de Carvalho, de Aquilino a André Brun, de Reynaldo Santos a Virgílio Correia, ou de António Ferro a Marinetti ("Le Contrat", peça de teatro numa só página). De Pessoa, o famoso ensaio "António Botto e o ideal estetico em Portugal" recebeu a conhecida resposta de Alvaro Maia "Literatura de Sodoma", numa polémica que o não foi — nem podia ser... Oswaldo de Andrade, o modernista brasileiro, e Ramon Gomez de la Serna e os marquezes de Lozoya e de Quintanar dão uma dimensão estrangeira à revista — que Pacheko queria virada especialmente para Espanha, conforme tambem teses de Sardinha, e o acolhimento feito a Vasquez Dias.

Vemos assim nomes d'*A Aguia*, do *Orpheu*, do *Portugal Futurista* e do Integralismo Lusitano, ou da *Lusitania* e da *Terra Portuguesa* — no eclectismo desejado dentro ou fora do fantasma ideológico da revista, anti-democratico por elitismo vago que os requintes do gosto, sobretudo, justificavam. Estes estão presentes no cuidado minucioso posto na escolha dos tipos e dos corpos tipograficos, na imaginação variada, acertando com o teor dos textos, nos próprios anúncios considerados como "motivo de arte" (reproduziram-se dois cartazes de Almada) — e tudo isso traz às artes graficas portuguesas uma novidade que só em 1942 será retomada pela *Variante* de António Pedro, então com uma orientação mais intelectualmente responsável, por vias de outro modo escolhidas.

Mas a *Contemporanea* foi sonho mortal para José Pacheko: em 1929, ainda ele se batia por publicar mais um numero da *sua* revista, com dinheiros ocasionais, e revia provas, discutia tipos com os tipografos ("O que mais me interessa é o titulo. Onde está?!... Não meter na maquina sem eu ver"), sem poder sair de casa, por doença já sem remédio; morreria em 1934. Dezasseis páginas foram impressas, a duas cores; nelas, o "D. Sebastião" de Pessoa -"Mensagem", uma "Canção" de Botto (logo retomada em 1930 no volume de "Canções" sob o título "Adolescente" e com curiosa alteração dum verso que deixa de cantar "teu fragil corpinho loiro" para se encantar com "Teu viril corpo trigueiro"), uma poesia de Judith Teixeira, um epilogo de romance humorístico de Armando Ferreira)"Deus os fez") um artigo sobre T.G. Massarvk pelo ministro tcheco em Lisboa, F. Kaderabek, um ensaio de M. Alves Pereira, "A Palavra elemento de Beleza", e um ensaio português sobre "O Pensamento Alemão depois da Guerra", sem assinatura visível nas páginas impressas. Em provas ficaram poemas de António Navarro ("Varina"), Paradela de Oliveira, e o "Quasi" de Alvaro de Campos. E ainda textos espanhois, um discurso do marquês de Quintanar, então embaixador de Espanha em Lisboa, e um excerpto dum poema do conde de Santibabarios (?) del Rio ("La Vejez de Bradomin") — e, finalmente, um delirante texto de crítica musical sobre o violinista Luís Barbosa, de Carlos Parreira, o amigo de Santa-Rita Pintor, datado de Abril de 1929.

Emprêsa tipica dos anos 20, paralela e oposta à "*Seara Nova*" e ainda à fase final d'*Á Águia*", como à *Athena de* Pessoa e à *Dionysios* portuense de Aarão de Lacerda, e finalmente, à *Presença* nascida logo após a sua morte, em 1927, mas também sonhada desde o tempo do *Orpheu*, com o seu anuncio de 1915, a *Contemporanea* viveu, menos o espaço de uma geração, que não teve, mas das forças dum homem em fantasista e corajoso — que Mario Eloy retrataria, em 24, de casaca, capa de seda, a *sua* revista pendurada na mão...